

---

## AUTORIA: UM ESTILO DO GÊNERO DISCURSIVO

Sulemi FABIANO

(PG/ Universidade Estadual Paulista – Araraquara)

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivos discutir a autoria como um estilo do gênero do discurso e mostrar como se dão os deslocamentos de sentido, na organização ou na reorganização do gênero acadêmico num dado contexto de sua produção.

**PALAVRAS-CHAVE:** gênero do discurso; estilo; autoria.

**ABSTRACT:** This paper aims at discussing the authorship as a style of discourse's gender and showing how arise the senses misdating in the organization or in the reorganization of academic gender in a given context of its production.

**KEYWORDS:** discourse's gender; style; authorship.

A autoria é um conceito permeado por diversos discursos. Podemos dizer que é um exemplo vivo do diálogo entre discursos, que Bakhtin (1999) propõe. São inúmeras as reflexões sobre o conceito de autor, de modo que não mais recuperamos todos os interdiscursos sobre a autoria. Neste trabalho enfocamos a discussão sobre a autoria em relação ao gênero acadêmico. Tomamos como *corpus* textos produzidos por alunos participantes do projeto "Pesquisa na Graduação" do Departamento de Letras da Unemat, do Campus de Cáceres. Utilizamos a transcrição literal dos dados e, sempre que mencionamos um desses textos, identificamos os autores com as letras: **A, B, C, D, E, F, J, H, I e J.**

Buscamos mostrar como no acabamento do gênero discursivo o "outro" dá sentido ao texto, e, como a organização do gênero requer do sujeito uma individualidade no momento da composição desse gênero discursivo. Dessa forma, acreditamos ser muito provável que os textos produzidos por diferentes sujeitos, em contextos diferentes de análises como é o caso da produção dos textos estudantis, num domínio de atividade idêntica como o ensino, apresentem uma soma de traços recorrentes, indicando que pertencem a um mesmo gênero.

Consideramos, então, que a marca do autor está naquilo que produz e na forma como ele organiza sua fala e escrita num dado contexto. Se a linguagem se define pelo inacabamento, acreditamos que uma forma de conceber a autoria é pelo acabamento estético do gênero discursivo, conforme propõe Bakhtin (2000). Entre

tantos discursos existentes, empiricamente, diríamos que o autor seria aquele sujeito que é capaz de selecionar, organizar e até mesmo modificar um gênero discursivo. Nessa organização está implícita a interpretação desse sujeito. Mas sabemos que isso simplifica muito uma discussão tão complexa como a existente sobre o autor.

O conceito de autoria é diferente conforme o que se entende por sujeito no interior de cada teoria adotada na análise. Escolhemos neste trabalho, o conceito de língua como dialógica e complexa, historicamente real, plurilíngue, fervilhante de línguas futuras e passadas, e não como um sistema de categorias gramaticais abstratas. A língua é única somente como sistema gramatical abstrato de formas normativas. Como tomamos a linguagem com base nas reflexões bakhtinianas, recorreremos ao princípio básico dessa concepção, a de que uma língua jamais pode ser vista como unilateral. O pensador russo concebe a existência de várias vozes em toda prática discursiva. Propõe, assim, o afastamento do objetivismo abstrato, em que a língua é vista como sistema, e o homem afastado dos processos de linguagem. Para Bakhtin (1999), o homem é fruto da relação com o "outro", e essa relação tem a ver com o lugar e em que vive, e o indivíduo é fruto de uma relação social.

O sujeito como produtor não pode ser considerado autor do que produz mesmo sozinho, em práticas discursivas, dialoga com interlocutores, e nenhum discurso é puramente individual. O falante se constitui por vozes instaladas em uma arena de conflito. A posição do autor-criador se dá por meio da tensão com outras vozes sociais. A língua é viva e se constitui pelas estratégias sociais que permeiam as práticas discursivas, no fator de elocução viva.

A alteridade é constitutiva de toda atividade humana. Na concepção bakhtiniana, a alteridade é concebida como fundamental para a existência humana, inclusive dá suporte ao dialogismo, conceito central de linguagem apontado pelo pensador russo. Podemos dizer que o sujeito só se constitui numa interação dialógica entre o eu e o "outro", numa multiplicidade de vozes sociais.

Tomando, então, como princípio o dialogismo de linguagem, consideramos que os textos só existem em relação com outros textos anteriormente produzidos, em conformidade ou em oposição a um esquema textual preexistente.

Com base em Bakhtin (2000), compreendemos por estilo a escolha das palavras, o uso da língua feito pelo sujeito em uma determinada produção da linguagem. O estilo não é individual; utilizando a concepção bakhtiniana de linguagem, não podemos conceber nada como totalmente individual. A linguagem é imanentemente dialógica. Mas diríamos que podemos conceber um sujeito tendo uma certa participação, de expressividade, ao organizar e produzir um determinado gênero discursivo, uma individualidade, ou seja, um estilo verbal que cada falante utiliza ao produzir qualquer ato de linguagem. "O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas [...] Quando há estilo, há gênero. Quando

passamos o estilo de um gênero para outro, não limitamos a modificar a ressonância deste estilo graças à sua inserção num gênero que não lhe é próprio, destruímos e renovamos o próprio gênero" (BAKHTIN, 2000, p. 285 -7).

Alguns gêneros permitem mais transgressões estilísticas do que outros. Sabemos que dependendo do lugar onde esse gênero é produzido, existem fortes coerções como é o caso do gênero acadêmico que segue determinadas regras e não pode inovar muito.

Qualquer assunto pode, então, ser tratado em qualquer gênero, no entanto a forma de tratá-lo vai ser diferente a cada composição, pois cada gênero tem um estilo e permite um determinado uso. Por exemplo, o sujeito-aluno não tem permissão para transgredir totalmente um gênero acadêmico que determina um certo tipo de uso, embora possamos considerar uma certa individualidade do sujeito no momento da produção e organização do gênero discursivo. Com isso notamos que ideologicamente o discurso é inseparável das representações histórico-sociais.

A partir dos fragmentos retirados dos textos-objeto, verificamos como tipos diferentes de estilos compõem a organização do gênero a cada mico, cujo estilo geral é definido por pertencer a uma categoria específica na classificação dos gêneros discursivos.

Analisamos os títulos e o *corpus* da pesquisa de dez trabalhos estudantis que compõem o nosso objeto de estudo. Tratamos aqui nesta análise os títulos por itens: 1 para indicar o título e dois para o *corpus*. Temos como objetivo observar a correlação existente nos textos-objeto no que se refere à singularidade entre as propostas de pesquisas. Vejamos:

1 - Título dos textos-objeto

A- Ensino de Língua x gramática: Pouco entendimento, muita contradição;

B- Transitividade em questão;

C- Verbos auxiliares: surge uma nova fórmula para o uso;

D- O uso dos pronomes pessoais na língua corrente do Brasil;

E- Vícios de Linguagem ou Estilos de Linguagem?

F- Uma necessidade argumentativa;

G- O estudo da preposição Até;

H- Uso dos pronomes anafóricos e dêiticos: uma visão crítica;

I- Informatividade: Fator relevante na escrita;

J- Inovação ou desmoralização da língua?

2- *Corpus* de pesquisa dos alunos pesquisadores

A- Entrevistas (escritas) por professores;

B- Propagandas em revistas diversas;

C- Recortes de jornais e revistas;

- D- Frases isoladas (ditas ou escritas por pessoas não identificadas);
- E Textos de alunos;
- G- Enunciados produzidos em sala de aula e propagandas;
- H- Textos de alunos;
- I- Textos de alunos;
- J- Letras de música "Funk".

Observamos nos dados selecionados para a análise que apesar de os textos-objeto pertencerem a um mesmo gênero discursivo, isso não impediu o sujeito-aluno de expor uma individualidade. Percebemos que cada sujeito-aluno escolheu um estilo para organizar a estrutura composicional do gênero, a começar pela escolha do título e do *corpus* da pesquisa.

Verificamos no item 1, que de **A** a **J**, cada aluno escolheu um título para seu trabalho e no item 2 vimos que *corpus* utilizado é comum, caso das análises dos textos de alunos. Mas observamos que o enfoque dado foi diferente em cada trabalho de pesquisa dos graduandos.

Vejamos que, no item 1, os títulos revelam que os trabalhos de pesquisa dos graduandos estão direcionados ao estudo de língua e gramática. No item 2: **A, F, G, H** e **I** utilizam um *corpus* referente a textos de alunos. Dentre os dez títulos dos textos-objeto, **F** nos chamou a atenção pela denominação do trabalho: **Uma necessidade argumentativa**. Recorremos ao objetivo da pesquisa de **F** para trazer luz à opacidade do título do trabalho. Vimos que a aluna propõe analisar o uso de operadores argumentativos em textos de alunos e mostrar a importância de ensinar os operadores para a sequencialidade textual. Pressupomos, então, que o título explica um pouco da defesa que **F** faz em relação ao apelo de se ensinar os operadores dentro de um contexto. Tem como hipótese o modelo de que comumente o professor trabalha em sala de aula com o "tradicional emprego das conjunções coordenadas e subordinadas". Essa opacidade pode ser considerada em nossa análise como uma singularidade de **F**, pois temos os outros nove trabalhos que deixam mais claros os objetivos já no próprio título.

Ainda no item dois, temos **B, C** e **G** que analisaram enunciados coletados de periódicos; **D** analisou frases isoladas (ditas ou escritas por pessoas não identificadas); **E** usou textos literários e **J**, letra de músicas. Observamos, então, que toda a discussão dos trabalhos de pesquisa dos graduandos girou em torno do assunto língua e gramática, mas também verificamos que foram suscitados diferentes critérios na escolha do objeto de estudo. Cada qual com um enfoque diferenciado sobre o estudo de um fator de linguagem.

Consideramos que embora o gênero discursivo pertença a uma mesma esfera verbal, isso não impede o sujeito de organizar seu texto de uma forma que o

diferencie de outros. A textualização é uma prática social, um processo combinatório, responsável pelo acabamento do gênero discursivo. O sujeito constrói o seu dizer no repetível. O sentido se faz na recuperação dos interdiscursos, na memória discursiva do dizer, ou seja, o sentido se constitui com uma visão extraposta ao gênero.

Na perspectiva bakhtiniana, o sentido se constrói dependente da interação, um espaço em que não ocorre entre os discursos. Uma das relações entre a intensão e a extensão em um texto é a tentativa de massificação das múltiplas vozes existentes. Mas essas vozes dificilmente são absorvidas por um discurso unilateral, visto que a extensão tende à continuidade, ou seja, à linearidade do discurso. A desarticulação desse discurso é provocada pelas diferentes vozes que compõem o diálogo. Isso se dá pela ativação da intensão, que está relacionada com a descontinuidade, como Marchezan (2001) comenta em seu texto. No caso específico dessa análise, podemos observar se essa oposição de vozes manifesta um e feito de autoria no que se refere à forma como o sujeito-aluno materializa seu texto.

Num outro contexto, quando retomamos os conceitos de Foucault (1992) em torno da autoria, vimos que em sua concepção o sujeito pode ser considerado um autor quando rompe com uns paradigmas de um discurso, ou seja, rompe com um discurso, dando vazão a um outro discurso. Foucault (1992) também fala da função-autor, de aquele sujeito que pode ocupar numa dada ordem discursiva uma posição de autor, ou seja, fazer o comentário de um discurso já existente como se fosse à primeira vez. A função-autor se dá na tensão das várias figuras que estão em funcionamento no discurso. Essa função-autor se constrói no centro das tensões que resultam da confluência em que se articulam os diversos discursos. Podemos considerar que Foucault (1992) propõe como noção de autoria a própria noção de descontinuidade, ou melhor, um desmembramento com uma série de noções que diversificam uma continuidade.

Compreendemos, então, que o sujeito, inserido em uma dada formação discursiva, pode deslocar o sentido de um enunciado e criar um comentário. Vejamos como exemplificação duas análises da aluna B:

B - Em **“Mandou chegou”**, também há necessidade de um conhecimento geral do resgate deste discurso na memória. É só com a busca de conhecimentos exteriores que se irá depreender que este enunciado expressa rapidez e segurança. [...] Em **“Gostou? Pede de B IS”**, que além da figura visual do chocolate, marca o termo que envolve o enunciado [...] O termo BIS tanto pode ter um sentido resgatado no exterior do enunciado: pede outro chocolate Bis; como pode ser resgatado na própria estrutura, com o sentido do dicionário: pede outra vez. No entanto, se somente este sentido fosse buscado não se

daria a compreensão: pede outra vez, o quê? É preciso que ao seu lado esteja o sentido exterior para perceber a dupla significância que BIS adquire, permitindo a construção e o jogo de idéias do enunciado. (p.7-11, grifos nossos)

Como vimos **B**, ao fazer a leitura das propagandas, **“Mandou chegou”** e **“Gostou? Pede BIS”** questiona a transitividade dos verbos. Sua pesquisa consiste em mostrar que os fatos linguísticos não estão presos somente à estrutura da língua. Os fatos linguísticos exteriores à língua também dão sentido aos enunciados. Como no exemplo citado em que **B** questiona a transitividade do verbo mandar, que segundo as normas gramaticais teria, nesse caso, a obrigatoriedade de vir acompanhado de um complemento verbal. Podemos dizer que o mesmo fator acontece com o verbo gostar quando aparece no enunciado **“Gostou? Pede BIS”**, em que o verbo aparece sem o complemento verbal.

Sabemos que **B** não é a primeira a escrever sobre essa questão da transitividade, mas podemos considerar que esse sujeito-aluno desloca um conceito gramatical cristalizado de que o verbo transitivo precisa sempre de um objeto. No dado momento da pesquisa, **B** foi capaz de propor uma leitura com sua interpretação, a partir de um dispositivo teórico.

A autoria se dá por meio de uma reconfiguração dos discursos e dos gêneros discursivos, em que o sujeito é capaz de provocar um deslocamento de sentidos na produção de enunciados antes já pronunciados, mas que num dado momento pode ter outro significado. Como é o caso dos verbos **gostar** e **mandar** que **B** analisou: de acordo com a gramática, deveriam ser acompanhados de um complemento, mas o sujeito produtor do enunciado (da propaganda) provoca exatamente um efeito de sentido quando faz a omissão dos complementos, a lacuna deixada por ele pode ser preenchida por diferentes discursos e isso provoca um deslocamento de sentido na transitividade dos verbos mandar e gostar, conforme **B** observou. Concebemos a análise de **B** como um deslocamento de sentido a partir da sua interpretação.

A posição do sujeito-autor se constrói em relação com o “outro” a partir da interlocução, estabelecendo, portanto, um lugar de interpretação. O sujeito-autor, nesse contexto, interpreta os fatos de linguagem e do mundo enquanto se mobiliza. Ele produz um gesto de interpretação. Assim o lugar do sujeito-autor acaba sendo determinado pelo lugar de interpretação. Por exemplo, fica marcado um posicionamento de **B** frente à língua ao analisar que o sentido não está preso somente à estrutura do texto.

Acreditamos, então, que é justamente na oposição dos discursos que os sentidos são construídos e o diálogo de vozes se mostra por meio da descontinuidade entre os discursos, numa relação tensa que se constitui com os deslocamentos de sentido. Não queremos com isso ditar uma forma correta da escrita do gênero

acadêmico, mas apontar os diferentes estilos na organização da produção desse gênero discursivo. D esse modo, refletir a inter-relação do eu e do "outro" na construção do discurso é considerar a existência do dialogismo como componente integrante da atividade de produção e de interpretação do discurso. Nenhum texto é obra de um único indivíduo, mas do entrelaçamento de experiências e ideologias que pressupõem a presença ativa e efetiva do "outro".

## BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação verbal*. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermentina Galvão G. Pereira. Revisão e tradução Marina Appenzeller. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. (VO LOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoievski*. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.

BRAIT, Beth, (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.

FARACO, Carlos Alberto ET al. *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Ed. da UFP R, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 6. Ed.. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. *O que é um autor?* Tradução Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 3. Ed. Porto: Veja 1992.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Olhares oblíquos sobre o sentido do discurso. In:\_\_\_ *Análise do discurso, interpretação e memória: olhar oblíquos*. (no prelo)

\_\_\_\_\_. *Análise do Discurso: os sentidos e suas movências; Onde o autor é leitor todos os caminhos se bifurcam*. In:\_\_\_\_\_ *Análise do Discurso: entornos do sentido*. Araraquara: FCL, UNESP, 2001.

\_\_\_\_\_. *A autoria: entre a memória do dizer e seus deslocamentos*. [s. l.]: 2001. Anais do Gel. Marília

ORLAN DI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: As formas do discurso*. 4. Ed.. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

MARCHEZAN, Renata Coelho. *Discurso, Produção, recepção*. In: GRUPO DE ESTUDO S LINGÜÍSTICOS, 30, Marília. Anais: São Paulo: UNESP, 2001.

POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.